

**LENDO O VAMPIRO NA CONTEMPORANEIDADE:
UMA PERSPECTIVA CRÍTICO-QUEER**

Elio Marques de Souto Júnior (UFRJ)
eliomsj@yahoo.com.br

Desde seu aparecimento na literatura e, posteriormente, no cinema, o vampiro tem sido associado ao erotismo, à sensualidade e à sedução (MELTON, 2008). De fato, como afirma Dyer (2005), o simbolismo sexual do vampiro é o mais óbvio dos significados atribuídos a ele. Ademais, o vampirismo está estreitamente vinculado à sexualidade transgressiva, uma vez que o prazer sexual do vampiro advém do ato de sugar o sangue da vítima (KALIA, 2013). Com efeito, como o vampiro não tem sexo, ele transgride as oposições binárias a partir das quais o gênero e a sexualidade são compreendidos. Isto posto, este minicurso tem por objetivo investigar como a sexualidade do vampiro é construída no romance *Entrevista com o Vampiro*, da autora norte-americana Anne Rice (RICE, 1991). Para tanto, serão utilizados os postulados da análise crítica do discurso e da teoria *queer*. A análise crítica do discurso é um arcabouço teórico-metodológico que concebe o discurso como prática social, construindo o mundo em significado (FAIRCLOUGH, 2001). Desse modo, as escolhas linguístico-discursivas do autor constroem o mundo ficcional conforme uma visão de mundo específica, assim como possibilita a legitimação ou marginalização de identidades (COTS, 2006). Da mesma forma, ao enfatizar o caráter constitutivo do discurso, a teoria *queer* compreende o gênero e a sexualidade como construídos nas e pelas práticas discursivas situadas sócio-historicamente (BUTLER, 2003; SULLIVAN, 2003). Com efeito, os teóricos *queer* concebem as identidades sexuais e de gênero como fragmentadas, cambiantes e em constante processo (LOURO, 2004).

Palavras-chave: *Queer*. Vampiro. Contemporaneidade. Literatura. Cinema.

1. Introdução

Seres sugadores de sangue estão presentes em todas as culturas e em todas as épocas (ARGEL & MOURA NETO, 2008). Na tradição folclórica, o vampiro é um morto-vivo de aparência repugnante e fantasmagórica que sai de seu túmulo à noite para sugar o sangue dos vivos.

Para José Luiz Aidar & Márcia Maciel (1986), embora haja divergência entre os linguistas acerca da origem da palavra vampiro, a tese mais aceita é a de que ela teria se originado da palavra húngara *vampir*,

sendo traduzida em diversas línguas europeias, tais como o inglês, o francês e o alemão.

Diferente do vampiro folclórico, o vampiro literário é representado como um ser aristocrata, sedutor e sensual (ARGEL & MOURA NETO, 2008). Na literatura, o vampiro constitui um dos mais poderosos arquétipos que têm influenciado a imaginação desde o século XVIII.

Embora tenha aparecido primeiramente na poesia do século XVIII, foi somente no século seguinte que o vampiro estreia na prosa literária no conto de John Polidori (ARGEL & MOURA NETO, 2008). Entretanto, a figura do vampiro literário só se consolidou com a publicação do romance *Drácula* de Bram Stoker em 1897.

Ao longo do tempo, o vampiro tornou-se cada vez mais popular, sendo tema de diversos filmes e romances. O romance *Entrevista com o vampiro* da autora norte-americana Anne Rice, publicado em 1976, foi um marco no gênero, pois retrata vampiros mais humanos e o texto é narrado a partir da perspectiva de um dos vampiros, Louis.

Como a maioria das narrativas cujo tema central é a figura do vampiro, *Entrevista com o vampiro* (RICE, 1992) é uma obra altamente erótica na qual os vampiros passam a imortalidade em busca de amor. Nesse contexto, o romance sugere um envolvimento homoerótico entre Louis e Lestat, os protagonistas da história.

Isto posto, o objetivo deste artigo é analisar como Louis conceitualiza sua relação com Lestat e como constrói sua identidade homoerótica. Assim, na segunda seção, serão discutidos os pressupostos da teoria *queer* que compreende os gêneros e as sexualidades como construções sociais, culturais e discursivas. (SULLIVAN, 2003)

Na terceira seção o foco de análise recairá nas premissas da análise crítica do discurso que concebe a linguagem como prática social e, sendo seu uso atravessado pela ideologia. (FAIRCLOUGH, 2001)

Na seção seguinte, a análise linguístico-discursiva de alguns trechos do romance que retrata uma relação afetivo-sexual de Louis será empreendida.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

2. *Teoria queer: a construção discursiva dos gêneros e das sexualidades*

O termo *queer*, segundo Tamsin Spargo (2000), "antes lançada ou sussurrada com um insulto, é agora orgulhosamente reivindicada como uma marca de *transgressão*" (SPARGO, 2000, p. 3). A transgressão, conforme Jenks (2003), "é aquela conduta que destrói as regras e transgride os limites" (JENKS, 2003, p. 3). No contexto dos estudos *queer*, transgredir as regras significa contestar as normas regulatórias de gênero e sexualidade. (BUTLER, 2003)

Nesse sentido, a teoria *queer* questiona a oposição heterossexualidade/homoerotismo, questionando a ideia de que a heterossexualidade é natural e, portanto, compulsória, o que remete ao conceito de heteronormatividade (LOURO, 2004). A heteronormatividade é uma estrutura ideológica onipresente que se refere à noção de que os sujeitos são criados para ser heterossexuais mesmo que não venham a relacionar-se com o sexo oposto. (MISKOLCI, 2012)

Com efeito, a teoria *queer* visa compreender as identidades sexuais e de gênero para além das normas sociais que regulam tais identidades (SULLIVAN, 2003). Assim, os/as teóricos/as *queer* buscam desnaturalizar compreensões heteronormativas das categorias de gênero e sexualidade. De acordo com Guacira Lopes Louro (2004), a teoria *queer* insere-se no quadro do pós-estruturalismo que estuda a relação entre os sujeitos, a vida social e as práticas de construir significado.

Nessa perspectiva, o significado não é visto como pré-existente ao sujeito, mas é construído nas interações sociais mediadas pelo discurso (MOITA LOPES, 2002). Assim, a teoria *queer* encontra na teoria deconstrutivista de Jacques Derrida, nas reflexões de Michel Foucault acerca da construção discursiva da sexualidade e na noção de gênero como ato performativo de Judith Butler meios para embasar a crítica à normalização dos gêneros e das sexualidades.

A desconstrução é uma teoria que, além de destacar o caráter construído do significado, proporcionou um abalo no pensamento metafísico ocidental, uma vez que este se apoiava em oposições binárias, tais como masculino/feminino, heterossexual/homoerótico, para estabelecer uma hierarquia ou supremacia de um termo sobre o outro (DERRIDA & ROUDINESCO, 2004). Jacques Derrida (1991) pontua que desconstruir significa decompor os discursos com os quais as oposições binárias são

estabelecidas, revelando seus pressupostos, suas ambiguidades e suas contradições.

A perspectiva da desconstrução pode sustentar a proposta de problematizar os binarismos e a lógica falocêntrica, conceito útil para pensar a questão do gênero e da sexualidade (DERRIDA & ROUDINESCO, 2004). O modelo falocêntrico da sociedade ocidental atribui significado às coisas e aos sujeitos tomando como base sempre o masculino, ou seja, considerando o falo como ponto de referência e centro a partir do qual ocorreria todo o processo de subjetivação.

Assim como Jacques Derrida, Michel Foucault (2001a) enfoca o papel do discurso na construção da sexualidade. De fato, a sexualidade é "uma categoria construída de experiência que têm origens históricas, sociais e culturais" (SPARGO, 2000, p. 12), ou seja, ela não é fruto da biologia ou da genética (FOUCAULT, 2001a). Nesse sentido, a sexualidade constitui um dispositivo histórico construído fundamentalmente pelo discurso religioso e médico-psiquiátrico do século XIX.

A doutrina cristã encarregou-se de condenar o homoerotismo, considerando-o um ato transgressivo, uma sodomia (FOUCAULT, 2001a). A explosão de discursos sobre o sexo no século XIX não só atualizou o discurso religioso, mas também transformou o sujeito homoerótico em uma espécie com anatomia e psicologia distintas. Assim, o sujeito homoerótico passa a ser compreendido a partir da sua sexualidade, isto é, "nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo, subjacente a todas as suas condutas". (FOUCAULT, 2001a, p. 43)

Da mesma forma, Judith Butler (2003) afirma que os gêneros são construtos sociais e discursivos, e, assim, atos performativos. A performatividade, para a autora, diz respeito a um ato discursivo que produz aquilo que ele nomeia, ou seja, a linguagem torna-se um discurso delimitador e formador dos objetos e sujeitos. Nessa perspectiva, a categoria do gênero é resultado de um discurso performativo, o que demonstra que os sexos não têm nenhuma validade intrínseca e ontológica.

A noção dos gêneros como atos performativos permite que se desnaturalize o laço entre sexo e gênero, expondo os mecanismos culturais que produzem a coerência do gênero que, dessa forma, torna-se uma categoria inteligível (BUTLER, 2003). Tal inteligibilidade baseia-se na sequência sexo-gênero-sexualidade na qual o sexo biológico determina o gênero que, por sua vez, determina a sexualidade. Portanto, a concepção

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

butleriana de gênero constitui um modo de desestabilizar as relações normativas que regem os gêneros e as sexualidades.

3. A análise crítica do discurso

Para a análise crítica do discurso, "o discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado" (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91). Nessa concepção, o discurso é formado e restrito pelas estruturas sociais, evidenciando a relação dialética existente entre prática discursiva e sociedade. Assim sendo, o uso linguístico reflete processos sociais e ideológicos.

Conforme Norman Fairclough (2001), há três funções da linguagem e dimensões de sentido que interagem em todo discurso, quais sejam, a função identitária, que relaciona-se às formas pelas quais as identidades são estabelecidas no discurso, a função relacional, que refere-se a como as relações sociais entre os participantes do discurso são renegociadas e representadas, e a função ideacional, relacionada a como os textos significam a vida social, assim como contribuem na construção de crenças e sistemas de conhecimento.

Na perspectiva da análise crítica do discurso, as identidades sociais são vistas como construções discursivas e, por isso, são fragmentadas e contraditórias (MOITA LOPES, 2002). Nesse sentido, é por meio da análise da materialidade linguística e das pistas contextuais que se pode compreender como as identidades e relações sociais são (re)construídas e questionadas no discurso.

O discurso, para a análise crítica do discurso, é construído por relações assimétricas de poder e pela ideologia dominante (FAIRCLOUGH, 2001). Ideologia pode ser conceituada como a visão de mundo compartilhada por uma determinada classe social, não podendo, portanto, ser dissociada da linguagem. Na verdade, a linguagem, ao mesmo tempo que expressa a ideologia, é moldada por ela.

A análise crítica do discurso estuda ainda como os textos, literários ou não, significam em um contexto sócio-histórico particular (FAIRCLOUGH, 2001). Assim, é preciso compreender que, para cada contexto de enunciação, corresponde um contexto ideológico (BAKHTIN, 2004). Nessa ótica, em todo texto literário convive uma multiplicidade de vozes com pontos de vista e crenças contraditórios (BAKHTIN, 1988).

De fato, o discurso romanesco constitui uma arena onde diversos interesses sociais estão em conflito.

Os discursos, segundo a análise crítica do discurso, são analisados a partir do modelo tridimensional proposto por Norman Fairclough (2001). Esse modelo trata o discurso sob três perspectivas: como texto que possui uma materialidade linguística, como prática discursiva que se centra em como os textos são produzidos, distribuídos e interpretados, e como prática social que produz efeitos ideológicos.

Nesse quadro teórico-metodológico, um discurso pode ser abordado com base em uma análise linguística, da produção e interpretação textuais e dos aspectos institucionais do evento discursivo (FAIRCLOUGH, 2001). Como já foi apontado na introdução, o romance em questão será analisado apenas linguisticamente. Assim, a análise recairá na escolha do agente das orações, no uso do vocabulário e dos adjetivos, e em como o ethos homoerótico é construído discursivamente.

4. Uma leitura queer de *Entrevista com o vampiro*

Embora, no romance, não haja qualquer referência explícita sobre a sexualidade dos vampiros, o relacionamento entre eles pode facilmente ser descrito em termos homoeróticos. Logo no início da história, a descrição de Louis de como fora transformado em vampiro por Lestat é intensamente erótica: "ele passou seu braço direito por meus ombros e me aproximou de seu peito [...] agora vou sugá-lo até a verdadeira fronteira da morte" (RICE, 1992, p. 25). Nessa cena, Louis posiciona discursivamente Lestat como ativo, uma vez que este é o agente das ações no relato.

A escolha por um determinado agente da voz ativa reflete fatores ideológicos, culturais, sociais e político que influenciam a construção do significado (FAIRCLOUGH, 2001). Assim, tendo em vista que, para o vampiro, o ato de sugar o sangue da vítima é semelhante a uma relação sexual, Lestat, ao assumir o papel ativo na relação, é quem penetra. Por outro lado, Louis assume o papel passivo, pois é ele quem sofre o efeito das ações. O papel ativo e passivo assumidos por Lestat e Louis, respectivamente, encontram respaldo nas reflexões foucaultianas acerca da atividade e passividade. (FOUCAULT, 2001b)

Para Michel Foucault (2001b), na relação sexual, atividade e passividade ligam-se a superior e inferior, dominador e dominado, vencedor

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

e vencido. No ato da mordida, o vampiro é quem domina sua vítima, pois a penetração parte dele. Apesar de, consoante os discursos e a ideologia heteronormativos, a atividade estar associada à masculinidade e a passividade à feminilidade (FOUCAULT, 2001b), essa associação não ocorre no ato da mordida porque, depois de transformada em vampiro, a vítima assume o papel ativo (DYER, 2005). Desse modo, evidencia-se a multiplicidade de posições de gênero e sexualidade assumidas pelo vampiro.

Ainda descrevendo o momento da transformação, Louis diz que Lestat sentou-se ao seu lado " de modo tão gracioso e íntimo que me fez pensar nos gestos de um amante" (RICE, 1992, p. 25). Neste trecho, Louis utiliza dois adjetivos, "gracioso" e "íntimo", o que, segundo Norman Fairclough (2001), indica uma forma de o sujeito falante expressar sua avaliação acerca do evento contado. Para a análise crítica do discurso, a escolha de palavras nunca é neutra, mas está sempre a serviço do propósito comunicativo do enunciador, além de ser um ato político e ideológico. Provavelmente, Louis escolhe esses adjetivos para qualificar o comportamento de Lestat porque conceptualiza aquele momento como uma relação afetivo-sexual, o que fica mais claro quando usa a oração "me fez pensar nos gestos de um amante". Tal oração expressa uma atividade mental cognitiva que retrata o mundo interior de Louis, tornando evidente a associação entre prática sexual e o ato de sugar sangue. De fato, Louis concebe Lestat como um amante cujo objetivo é seduzir a vítima a fim de sugar-lhe o sangue e, assim, obter prazer.

Em seguida, ao relatar para o repórter o que sentiu quando Lestat afundou seus dentes no seu pescoço, Louis afirma: "lembro-me que o movimento de seus lábios arrepiou todos os cabelos de meu corpo, enviando uma corrente de sensações através de meu corpo que não me pareceu muito diferente do prazer da paixão". (RICE, 1992, p. 26)

Neste trecho, Louis compara o ato de ter o sangue sugado por Lestat com o "prazer da paixão". No seu discurso, Louis reafirma a relação indissociável, atestada por autores como Richard Dyer (2005) e Ken Gelder (2001), entre vampirismo e sexualidade, mais especificamente, homoerotismo. Assim, Louis subverte as identidades de gênero e sexualidade que são prescritas por práticas discursivas hegemônicas. (BUTLER, 2003)

Louis confirma seu posicionamento quando diz ao repórter o que significa ser mordido por um vampiro: "não posso descrever exatamente como foi, assim como não se pode dizer exatamente como é a experiên-

cia do sexo a quem nunca passou por ela" (RICE, 1992, p. 13). Novamente, mas de forma mais explícita, Louis compara a experiência do sexo com a da mordida. Tendo em vista que, na sua vida mortal, Lestat era do sexo masculino, Louis, aparentemente, não se constrange em assumir uma identidade homoerótica, construindo, desse modo, seu ethos positivamente.

O ethos, conforme Norman Fairclough (2001), refere-se a aspectos que influenciam na construção do eu ou de identidades sociais. Nesse sentido, o ethos pode ser concebido como um processo de modelagem mais amplo em que o lugar e o tempo de uma interação discursivas e seus participantes, bem como as identidades desses participantes, são construídos através da valorização de certas características. Por meio do discurso de Louis, percebe-se que, no mundo dos vampiros, não há fronteiras rígidas socialmente demarcadas entre os gêneros e as sexualidades que acabam excluindo aqueles/as que não se enquadram em um modelo de sexualidade pré-estabelecido. (SULLIVAN, 2003)

5. *Considerações finais*

O vampiro, desde seu aparecimento na literatura no século XVIII, tem sido usado como um símbolo dos comportamentos sexuais que se afastam do modelo prescrito pelas normas sociais, como o é o caso do homoerotismo (DYER, 2005). Para os vampiros, não há fronteiras que separam os gêneros e as sexualidades, o que leva Ken Gelder (2001) a dizer que eles não têm sexo.

Análise demonstrou como o ato da mordida assemelha-se à prática sexual para o vampiro e sua vítima, sendo os caninos do vampiro um símbolo do pênis, uma vez que eles penetram a vítima. Não há qualquer menção sobre a sexualidade dos vampiros no romance, mas as palavras utilizadas por Louis para descrever o comportamento de Lestat no momento em que foi transformado sugere que Louis esteja posicionando-se como homoerótico.

Assim, Louis parece construir seu ethos homoerótico sem nenhuma preocupação com as normas sociais que regulam os gêneros e as sexualidades. Isto posto, como ressalta Richard Dyer (2005), o vampiro é uma figura *queer*, pois transgride os discursos binários que constroem modelos, baseados em estereótipos culturais, de como os sujeitos devem viver sua sexualidade e seu gênero.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIDAR, José Luiz; MACIEL, Márcia. *O que é vampiro*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ARGEL, Martha; MOURA NETO, Humberto. (Orgs.). *O vampiro antes de Drácula*. São Paulo: Aleph, 2008.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: HUCITEC, 1988.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia*. Campinas: Papyros, 1991.

_____; ROUDINESCO, Elisabeth. *De que amanhã: diálogos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

DYER, Richard. *The culture of queers*. London/New York: Routledge, 2005.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: UNB, 2001.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2001a.

_____. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 2001b.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. *Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GELDER, Ken. *Reading the vampire*. London/New York: Routledge, 2001.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MELTON, John Gordon. *O livro dos vampiros: a enciclopédia dos mortos-vivos*. São Paulo: Mbooks Brasil, 2008.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MISKOLCI, Richard. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

RICE, Anne. *Entrevista com o vampiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

SPARGO, Tamsin. *Foucault and queer theory*. Cambridge: Icon Books, 2000.

SULLIVAN, Nikki. *A critical introduction to queer theory*. New York: New York University Press, 2003.